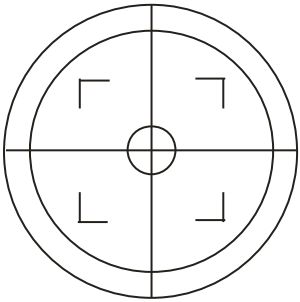


O Consórcio do Crime

Toni Rodrigues

(2014)

Dedico este livro a:

Pedrina Rodrigues, mulher da vida inteira. Pedro, sobre a tua existência edifico a minha eternidade. Anaíde e Amália (em memória), a eternidade é pequena para nos separar. José Ribamar Garcia, presença amiga e constante. Carlos Eugênio, Altair e Cândida, amizade sem subterfúgio. Marek e Mara, amigos de longe mas sempre bem próximos. João e Geralda, pelos exemplos edificantes que constituem. Francisca Paz (em memória), a grande companheira de todos os instantes, principalmente os mais difíceis. Seu Arlindo Martins, homem de muitas histórias, modelo de longevidade e de caráter. Ao jornalista Carlos Morais, pela sugestão para o título do livro. Todos os meus amigos e familiares, que estão sempre ao meu lado, dando força para a realização dos projetos mais ousados (como lançar mais de dez livros num Estado onde a maioria da população não tem acesso à leitura). A todos os altoenses valorosos que com trabalho e dignidade ajudam a espalhar a semente do bem por todo o planeta.

1.

César estava se preparando para encerrar o atendimento ambulatorial quando o telefone tocou. Fez de conta que não era com ele.

Deixou tocar por mais alguns minutos, de forma insistente. Atendeu:

"Alô."

"Doutor César, é seu irmão, doutor Horácio. Está na linha..."

"Pode transferir", ordenou.

A secretária fez a transferência.

"César?"

"E então, Horácio, como é que estão as coisas?"

"Tudo em paz aqui na Terra do Sol. Estou te ligando para saber notícias. Soube de umas coisas... Mamãe está preocupada..."

Respirou fundo enquanto decidia se contava ou não. Optou por abrir o jogo.

"É verdade, Horário, Carol me deixou".

"Puta que pariu", pronunciou o irmão, quase sem querer. Horário, juiz de direito, não era dado a esse tipo de palavreado. "E você, como é que está?"

"Já estive em pior situação, mas já estou me recuperando."

"É isso aí, velho, não pode deixar se abater. Existem muitas mulheres. Nenhuma delas tem o direito de nos aprisionar. Ok?"

"Fique tranqüilo, doutor Horácio, eu vou ficar bem".

O juiz mudou de assunto.

"E o Rio de Janeiro, está mais sossegado depois da mudança do Beira Mar?"

"Ainda bem que esse filho da puta não foi para o Piauí. Mas a coisa não anda muito legal por aqui. Parece que o governo perdeu o controle da situação. Os bandidos descem do morro na hora que bem entendem e fazem todo tipo de arruaça e matança. O clima é de guerra civil... Mas, e você? Fale-me de você. Como andam seus estudos geológicos? Ainda é um apaixonado por cavernas subterrâneas?"

Os dois sorriem. Alguém interrompe a conversa. Horário informa:

"Espera um pouco, mamãe quer falar."

Dona Honorina entrou na linha.

"Meu filho. Tudo bem com você?"

"Oi, mãe. Tudo em paz. Fique tranqüila."

"Estou preocupada com essas notícias de tiroteios, da falta de controle da polícia sobre os bandidos. Onde é que nós vamos parar?"

Fez uma pequena pausa. Prosseguiu:

"Você não acha que já está na hora de voltar para casa, filho? Tenho certeza de que não tem melhor lugar no mundo do que a nossa Teresina."

"Ainda falta um tempo pra concluir a residência, mãe, ademais tenho que..."

Dona Honorina interrompeu:

"Não fique nesse inferno de cidade por causa daquela mulher, César, eu sempre te disse que ela não te merecia. Quando terminar a residência médica quero te ver de volta no primeiro voo. Tá bem assim?"

Ele concordou, mas o fez consciente de que não pretendia tão cedo voltar para Teresina.

Nunca teria as mesmas oportunidades como médico. Também não queria ficar distante de Carol.

"Promete, filho?"

"Não se preocupe, mãe. Agora, deixe-me falar com Horácio."

De novo, a voz firme do irmão magistrado. César indaga:

"E Carmem, como está Jorge?"

"Estão bem, graças a Deus. Esperamos por você o quanto antes. A família se ressente da ausência de seu médico favorito".

Sorriram juntos como há muito tempo não faziam.

César Rodrigues estava há um ano e meio no Rio de Janeiro. Carol, a namorada que se transformara em noiva, e que dividira com ele o mesmo teto por algum tempo, decidira romper o relacionamento e estava vivendo com outro homem, na verdade um jovem de vinte e poucos anos.

Agora César estava ali, solitário, afetado pela angústia.

Plantões de vinte e quatro horas costumam deixar marcas profundas no corpo e no espírito. Amores não correspondidos também. César estava esgotado.

Despediu-se das atendentes e cumprimentou de passagem alguns colegas que chegavam para dar continuidade à rotina interminável de atendimentos emergenciais ou não e intervenções cirúrgicas.

No carro, o trânsito lento do fim de tarde, como todos os fins de tarde na cidade do Rio de Janeiro.

Avenida Brasil, 18:16 horas, fila quilométrica de veículos, faróis acesos varando a noite que se inicia. Na calçada, um jovem de calça frouxa e cabelos rastafári segue um passo rítmico, uma senhora grávida anda apressada com a bolsa na frente protegida pelos braços, os olhos assustados ante a iminência do assalto, a paranoia visível também no olhar do aposentado que,

mais adiante, está de pé na parada de ônibus ao lado de meia dúzia de outras almas penadas que integram, talvez, a pequena parcela de humanidade da selva de pedra.

Ligou o rádio. O som de Jorge Vercilo invadiu o ambiente isolado do mundo exterior pelos vidros levantados, ar-condicionado ligado, temperatura agradável mas apenas dentro do Vectra Sedan.

"Posso suportar,
Cataclismas, vendavais
Mil vezes mais te amo
Longe de você nem sei
Como será quando a noite chegar...
Quando chegar, como será?"

Do lado de fora, a profusão de buzinas, gás carbônico e calor, muito calor.

O trânsito fluía devagar. César andava logo atrás de um Honda Civic novinho, provavelmente 2003/2003.

Ficou pensando alguns pensamentos indignados contra o prefeito César Maia e a governadora Rosinha Garotinho, que não tomavam providência para desafogar aquela porra de trânsito.

Os caras surgiram praticamente do nada. Os caras surgiram do meio daqueles incontáveis carros que também andavam devagar quase parando na faixa ao lado.

Estavam armados: metralhadora e revólver.

Um deles, o do revólver, mandou bala contra o para-brisa do Honda Civic. A cabeça do motorista explodiu numa bola de sangue, nervos e miolos.

Grito de mulher, no banco traseiro, histérica.

O malandro da metralhadora apontou para ela, chutando para dentro o que restou do vidro do para-brisa.

"Fica quieta, puta velha!", gritou.

Abriu a porta, chutou o corpo do motorista para fora do veículo. As testemunhas, dezenas delas, estavam em choque, paralisadas.

O cara do revólver, um negrinho de cabeça raspada, ficava rodando em torno da cena, verificando se alguém estava disposto a se meter a besta, mantendo a plateia atônita sob controle. O rastafári veio em socorro da dupla.

Estava se preparando para assumir o volante quando César decidiu sair do imobilismo e desceu do carro.

Avançou para o sujeito do revólver e deu-lhe um murro bem aplicado sobre o nariz. O cara não se aguentou em pé, mas também não largou a arma.

Foi caindo e atirando. E caindo e atirando atingiu seu próprio parceiro, o rastafári que já tomara assento no banco do motorista.

A mulher continuava gritando, de forma incontrolada.

O sujeito da metralhadora ficou momentaneamente sem ação, tempo suficiente para César mergulhar contra ele, sobre o corpo do rastafári agonizante.

Agarrou o cano da metralhadora e apontou para cima. A rajada disparada instintivamente pelo bandido-portador varou o teto do veículo zerado.

A mulher desmaiou. Não aguentara a tensão.

César e o bandido continuaram atracados por vários minutos. Ninguém interviu, absolutamente ninguém teria tamanha coragem.

Um sujeito balofo no carro da frente gritou:

"Quem é esse louco?"

Nova rajada, agora em posição horizontal, rasgou o ar impactando, metros adiante, sobre a protuberante barriga do balofo, que se contorceu e caiu de cara no asfalto completamente morto.

César mandou ver contra o rapaz da metralhadora. Três murros em seqüência ininterrupta contra o queixo do cara, que desabou contra a porta, mas não ficou inerte.

Largou a metralhadora, mas se manteve consciente. Por pouco tempo.

De posse da arma, César aplicou-lhe uma potente coronhada na testa. "Toma, desgraçado", gritou, enquanto repetia a dose, agora com mais força.

No lugar do médico, surgiu um animal furioso, incontrolável, que continuou batendo contra a testa, a fronte, o rosto, o pescoço do outro animal, agora inerte, quase morto de tanta pancada.

Muitos minutos depois chegaram a radiopatrulha e a ambulância: um morto, dois feridos.

"Nome?"

"César Rodrigues."

"Profissão."

"Médico."

"O que estava fazendo na cena do crime?"

Era demais.

"Policial, o senhor me desculpe, mas por uma questão de lógica eu estava fazendo o mesmo que essa pobre senhora, que por pouco não foi assassinada ou sequestrada. Eu estava fazendo o mesmo que essas milhares de outras pessoas que tiveram a infelicidade, como eu, de sair do trabalho agora. Estava preso no trânsito dessa maldita cidade violenta."

O policial o encarou. Pensou em enquadrá-lo por desacato à autoridade, mas lembrou-se de olhar as roupas, o relógio Rolex no braço esquerdo, o Vectra seminovo estacionado um pouco atrás, a pele fina, os traços de alguém que não ficaria preso muito tempo e que ainda poderia complicar ainda mais sua situação já complicada junto ao Comando.

"Endereço?"

César respondeu.

"O senhor vai ter que nos acompanhar à delegacia."

Já recuperada do choque, a mulher se aproximou do médico.

"Doutor César, eu conheço o senhor. Quero dizer que sou grata pelo que fez. Não sei o que seria de mim...", voltou a chorar, tremendo. "Graças a Deus..."

E o abraçou calorosamente. César também a abraçou e sentiu que a mulher estava em vias de ter um novo desmaio. E foi exatamente o que aconteceu.

Ele a colocou rapidamente na ambulância e entrou junto com ela. Seguiram até o hospital, onde acompanhou as providências iniciais.

Depois, dirigiu-se à delegacia da área para prestar depoimento. Foi interrogado por mais de uma hora.

"O senhor tem arma?"

"Não."

"Trazia alguma arma consigo?"

"Não, eu não trazia nenhuma arma comigo..."

"Dois homens foram mortos. O senhor sabe disso?"

"Sim, eu vi as mortes."

"O senhor participou delas?"

"Como assim?"

"Quero dizer, ..."

"Não, doutor, eu não participei das mortes. Pelo visto, apenas evitei um seqüestro. Cometi algum pecado, algum crime?! Agi por instinto, mas não matei ninguém, não disparei nenhum tiro contra ninguém..."

"Eles se mataram entre si?"

"É o que parece..."

"Obrigado. O senhor está dispensado."

Quando César já estava saindo, o escrivão falou:

"Poderemos voltar a precisar do senhor..."

Voltou para o hospital. Tensão agravada pela tentativa de salvar a vida do bandido ferido. Inútil.

Na saída, alguém. Um ninguém, entre tantos ninguéns: "Tu tá fodido, filho da puta!"

Não deu importância. Não parou para pensar.

Finalmente, às 23:00 horas, conseguiu chegar no apartamento. Tomou dois comprimidos de Lexotan, 3mg, e dormiu um sono profundo até por volta de 9:00 horas da manhã.

Acordou sobressaltado. Teria atendimento ambulatorial em clínica particular dentro de trinta minutos.

Na secretária-eletrônica, dezenas de mensagens, todas transmitidas nas horas imediatamente

subsequentes ao acontecimento, durante a madrugada ou nas primeiras horas da manhã. Manifestavam a preocupação com o seu estado após o confronto com os bandidos e o medo de uma revanche.

Fez de conta que não era com ele. Estava com essa mania depois que...

O telefone. De novo, o telefone. Era Carol.

"César? Você está bem?"

Porra, por que todo mundo pergunta se estou bem?, pensou.

"Por que a pergunta?", questionou, grosseiramente.

"Fiquei preocupada..."

"Você, preocupada? Olha, Carol, estou atrasado para o trabalho. Conversamos outra hora...", e desligou, também abruptamente.

Tomou banho, vestiu-se rapidamente. Antes de sair, outro inconveniente.

Na porta, alguém o esperava. "Muito prazer, meu nome é Jordão..."

"O senhor vai me desculpar, mas não posso atendê-lo agora. Estou atrasado para compromisso médico. Eu..."

"Eu sei muito bem quem é o senhor. Mas o senhor também precisa saber quem eu sou. Meu nome é Rivanildo Jordão, sou delegado de polícia e estou aqui para falarmos sobre o caso de ontem. O senhor foi intimado para ir até a delegacia novamente, mas decidi poupá-lo do incômodo..."

"Fico muito agradecido pela distinção, doutor?..."

"Rivanildo Jordão."

O delegado era um homem jovem e, ao menos aparentemente, distinto. Mas tinha um quê de subúrbio

que em nada agradava César, talvez o mau cheiro do distrito policial.

"Doutor Rivanildo... sou muito grato, mas sinceramente, não posso atrasar com meus pacientes. Sou um geriatra, sabe? Cuido de gente idosa, gente que não pode esperar... A não ser que queira aguardar no consultório..."

"Se é assim, o senhor pode marcar a melhor hora."

César pensou alguns minutos. "Pode ser na hora do almoço, tipo duas da tarde?"

"Almoço duas da tarde?! Isso é hora de lanche, doutor."

"Bem, é a única hora em que terei tempo para conversarmos, a não ser que haja alguma obrigatoriedade. Aí, dá-se um jeito."

"Não, fique tranqüilo. Não quero estabelecer nenhuma obrigatoriedade."

Marcaram para duas da tarde no Bar do Amarelinho, na Cinelândia. O local era ponto de encontro da boêmia carioca, especialmente nos anos 50 e 60.

"Tom Jobim era frequentador assíduo deste lugar", informa o delegado.

"Não curto Jobim", diz César, despretensioso.

"O que o senhor curte?"

Encarou Jordão. Por que o interesse?

"Vercilo, Luciana Melo, Gil, Caetano, Ed Motta..."

"Tim Maia?"

"Mais ou menos?"

"O repórter Tim Lopes ganhou esse apelido por causa da semelhança com o Tim Maia, o senhor sabia?"

"Vi nos jornais."

"Eu conheci Tim Lopes..."

César chamou o garçom. Pediu peixe grelhado, arroz com açafrão e salada de frutas e verduras.

O delegado pediu picanha gorda, baião-de-dois e farofa de lingüiça.

"Foi um crime que abalou o Brasil", prosseguiu Jordão. "Apesar de não ser muito conhecido do grande público, Tim era muito querido entre os seus colegas jornalistas e entre os policiais sérios deste Estado..."

"Existem policiais sérios no Rio de Janeiro?", César falou, quase como um autômato.

Rivanildo Jordão não se fez de rogado. Pensou em mostrar cara de ofendido, mas percebeu que o médico não estava nem aí para sua fisionomia. Parecia perdido em algum lugar do passado, distante ou recente, na lembrança de um ente amado e perdido.

"O senhor está com algum problema, doutor?"

O garçom trouxe uma garrafa de vinho tinto suave, de fabricação nacional, graduação alcoólica 11,5%.

"Sim, estou com um sério problema. A polícia está nos meus calcanhares por causa da morte acidental de um bandido. Um bandido morto por outro bandido."

"Não estou falando desse tipo de problema, doutor, estou falando de... Algo mais profundo, digamos, sentimental..."

César ficou pensando se daria uma resposta grosseira ao tira à paisana diante de si. O que estaria querendo, afinal, meter-se em sua vida?

"Coisa pessoal, delegado..."

"Também já tive alguns problemas pessoais muito sérios, mas com o tempo a gente termina se acostumando."

O médico encheu o cálice com a bebida. Tomou praticamente de um gole.

"Prefiro uma cerveja bem gelada", disse o delegado. "Mulher, cerveja e futebol, nessa ordem, são minhas paixões".

César interrompeu a conversa fútil. Tinha pouco tempo para o almoço. Era uma sexta-feira. Pretendia viajar para uma ilha distante, quem sabe Angra dos Reis, nem tão distante, mas profundamente acolhedora, com sua arquitetura colonial e sua gente católica.

O Museu de Arte Sacra seria um excelente local para uma oração.

"Podemos ir direto ao ponto, delegado?"

Jordão não se surpreendeu. Ao contrário: parecia preparado.

"Estou aqui, doutor César, para lhe dizer que o senhor está correndo risco de vida."

César gelou. Risco de vida. "Por quê?!!"

"Três bandidos atacaram a socialite Roseana Gimenez. Dois ficaram vivos. Apenas um foi morto. Era melhor que...", olhou em derredor. "Era melhor que todos tivessem morrido, aqueles filhos da puta... Desculpe, doutor, mas essa gente não presta..." E prosseguiu, com ar solene: "Aquele que o senhor atacou com a coronha da metralhadora está inconsciente até hoje, os dentes quebrados, traumatismo craniano, pode até morrer... aí, o senhor sabe, é outra complicação. Mas aquele que ficou inteiro, pegou um murrinho de nada e despencou, esse tá dizendo que o senhor foi que matou o rastafári, tomou o revólver dele e matou o rastafári..."

"Como é que é?!"

"O cara se chamava Gilásio Honorato, vulgo Matraca, um desses merdinhas aí da favela. Não valia porra nenhuma, viciado, traficante, assassino, matando por besteira, por comprimido de roupinol."

César ficou nervoso. “Eu não matei esse filho da puta...”

Uma mulher, na mesa próxima, se assustou com a atitude do médico. O gesto de César chamou a atenção de outras pessoas no bar-restaurante.

“O senhor desculpe...”, prosseguiu o delegado, “mas eu não estou dizendo que o senhor matou ninguém. Ele é que está acusando.”

“Ele quem?”

“O Gracioso.”

O almoço começou a ser servido.

“Quem é Gracioso?”

“O indivíduo que o senhor diz ter atacado primeiro. Foi ele quem disparou?”

“Está lá, delegado, no meu depoimento. Eu avancei, ele mirou contra mim, eu esmurrei, ele caiu atirando. Acertou em cheio o rastafári. Foi ele quem atirou, ele é quem estava com a arma...”

O delegado cortou um pedaço suculento de picanha, levou o garfo à boca com o naco de carne gordurosa, a gordura escorrendo nos cantos da boca.

“É a palavra de um contra o outro...”, falou Jordão.

“O que o senhor quer dizer com isso?”, César apenas olhava seu peixe grelhado na travessa.

“Os traficantes e assassinos desta cidade têm suas próprias regras, doutor, eles vivem num universo paralelo que o senhor está longe de imaginar. Para eles, é impossível alguém desarmado atacar três elementos, dois quais armados e treinados no uso de armas de fogo e se dar bem. Esse pessoal é preparado para tudo, menos para perder. O senhor está entendendo?”

“O senhor quer dizer que a polícia está achando que eu...?”

Jordão começou outro pedaço de picanha, agora misturando-o com o baião-de-dois, o vinagrete e a farofa.

"A polícia não está achando nada, doutor, estou aqui como delegado mas não é em nome da polícia. Estou aqui como um cidadão admirador da coragem e determinação de alguém em resistir contra esse estado de coisas. Estou aqui para dizer que o senhor está marcado para morrer..." fez pausa, suspense, mastigou lentamente. "Nos morros já está circulando a informação de que foi o senhor quem matou Matraca, quem puxou o gatilho e acertou aquele balaço mortal na testa do desgraçado."

O médico decidiu investir contra a refeição antes que esfriasse. Fisgou um pedaço de peixe e uma porção de salada. Mastigou suave e educadamente.

"Quem me condenou?"

O delegado tomou um gole de cerveja. "Gil Honorato, o Cabeça de Peixe, irmão de Matraca e chefe do tráfico na favela do Trancoso", respondeu calmamente Rivanildo Jordão.

"E o que tenho de fazer?"

"Mudar de cidade, doutor, mudar de País, se possível..."

De repente, uma música de Tom Jobim invadiu o recinto, o piano em destaque, a voz inconfundível do maestro:

"Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça
É ela menina, que vem e que passa
Num doce balanço a caminho do mar..."

Cabeça de Peixe, pensou César Rodrigues a caminho do ambulatório do Hospital Geral: então minha vida está entregue nas mãos de um elemento conhecido por Cabeça de Peixe?

Ótimo. Daria excepcional manchete de jornal: Cabeça de Peixe tira a vida de salvador de vidas. Médico é morto por traficante do morro da boceta.

Como é mesmo o nome da droga do morro?

Morro do Trancoso. Que significa, afinal, trancoso? Trancos e barrancos?

Foda-se.

A mãe telefonou no meio do atendimento de uma senhora com indício de osteoporose.

"César, meu filho, eu e seu irmão estamos preocupados. Queremos que você venha para casa. A imprensa está dando que você está marcado para morrer."

Pediu um tempinho à paciente e caminhou com o sem-fio para a sala ao lado.

"Mãe, a senhora me desculpe, mas não posso falar agora. Estou no meio de uma consulta."

"Não quero saber de nada, filho, que te ver de volta pra casa agora, já", e desligou, irada.

"Merda", disse, ao voltar para o ambulatório.

A paciente ficou surpresa.

"Não é nada com a senhora. Desculpe. É que estou com problemas em casa, família, a senhora sabe..."

"Sei sim, querido, sei muito bem o que são problemas de família."

"Bem, mas como eu estava dizendo: a radiografia indica que a senhora está com princípio de osteoporose.

Mas não precisa se preocupar, ainda vai levar muito tempo para se consolidar. Além do mais, isso só vai acontecer se não fizermos a nossa parte, e essa nós vamos fazer, não é verdade?"

A velhinha admitiu.

"Pois bem", ele prosseguiu. "Quero lhe dizer que..."

2.

O homem olhou irado para seus comparsas. Não conseguira chorar, nunca mais derramara uma lágrima por ninguém.

Tudo que conseguia era odiar. A figura repulsiva do médico César Rodrigues na foto do jornal lhe causava ódio e repugnância.

Olhou em redor do barraco procurando algo para quebrar. Pegou uma peça de barro que tinha sido confeccionada por uma de suas inúmeras mulheres.

Despedaçou-a contra a parede.

"Eu quero matar esse desgraçado...", gritou.

Os comparsas estavam amedrontados. Não havia nada no mundo pior do que a fúria de Cabeça de Peixe.

Baixo, com pouco mais de 1m65cm de altura, o homem era uma fera em forma de gente.

Todos ali, sem exceção, já o tinham visto em ação. Ele não perdia viagem. Era um dos melhores atiradores dos morros cariocas.

Usava apenas dois tipos de arma: uma parabélum alemã, ano 1939, e um sabre ninja, que ficava o tempo inteiro exposto na parede sem reboco da sala do "palácio".

Ficou chutando coisas e gritando até cansar. Então, arriou sobre o próprio corpo e ficou batendo a cabeça no chão de barro batido daquele maldito barraco que lhe servia de esconderijo.

Levantou a vista. Encarou o sabre. A parabélum na cinta.

"E o Piranha?"

"Está lá, entre a vida e a morte", informou o negro de olhar faceiro.

"Vai lá, Anjinho, troca uma ideia com o Marlon Brando. Eu quero o Gracioso e o Piranha mortos antes do dia amanhecer. Agora, o médico é comigo, deixa comigo."

Anjinho ponderou: "Mas, Cabeça de Peixe, o Piranha tá no leito do hospital e o Gracioso tá na cadeia. Como é que a gente vai chegar até eles?"

"Te vira, mano, te vira. Eu quero os cara mortos, senão cabeças vão rolar, eu te juro que vão..."

Ergueu-se de sopetão, apanhou o sabre, tirou da bainha e caminhou decidido até um quarto escuro nos fundos do barraco, fortaleza inexpugnável no alto do Morro do Trancoso.

"Quem é o desgraçado que está preso aqui?", indagou.

"Um tal de Madalena, vizinho, é aí do Borel, tava traficando aqui do nosso lado", informou Anjinho.

Atrás do chefe, um grupo de dez ou onze bandidos fortemente armados.

O infeliz estava com pés e mãos atados, jogado no chão, todo urinado e defecado de tanto medo. Tinha pleno conhecimento do seu destino.

"Pelo amor de Deus, seu Gil, eu não fiz por mal, eu juro, eu...", suplicou.

Cabeça de Peixe odiava que lhe chamassem pelo nome de batismo. Lembrava do pai, um velho filho da puta que passava o tempo inteiro espancando a mãe, uma senhora digna e que tombara há poucos anos vitimada por um ataque cardíaco.

Herdara de dona Damiana a boca do Trancoso e a transformara num negócio de alta rentabilidade.

"Tu é um filho da puta, Madalena, um filho da puta. Tá pensando o quê?", Cabeça de Peixe gritava,

transtornado. Parecia um bicho, espumando pelos cantos da boca. Precisava descarregar aquele ódio em alguém.

O animal indefeso no canto escuro se contorceu. Gemeu, um gemido desesperado. Súplica: "Pelo amor de Deus..."

"Traficante que se preza não pede pelo amor de Deus, mala que se preze aguenta o suplício em silêncio, filho da puta", e desfechou-se uma potente pancada com a face do sabre.

Madalena gritou alto, mais desespero na voz. O grito podia ser ouvido a quilômetros.

"Prepara o microondas, Anjinho, vai lá, prepara o microondas..."

Anjinho chegou perto de Cabeça de Peixe.

"Acha mesmo necessário matar esse merda. Ele não vale nada".

Madalena estava em choque. Não conseguia mais pronunciar nenhuma súplica. A dor o transformara em cordeiro.

"Não me pede pela vida desse desgraçado, Anjinho, eu preciso matar alguém agora. Tem que ser agora, depois eu penso no que vou fazer com aquele médico", olhando para os lados. "Mala Véia, me dá teu punhal..."

O traficante obedeceu. No morro, quase ninguém era tratado pelo nome próprio. Nome próprio é aquele que se adquire na lida rotineira do tráfico e da morte em que meninos e homens tombavam como moscas.

Cabeça de Peixe pegou a arma, agarrou o dedo indicador de Madalena, que já não reagia, não suplicava, nada dizia. Apenas gemeu, baixinho, quando Cabeça de Peixe lhe reduziu o dedo a um cotoco.

O sangue escorreu rapidamente. Só então Madalena se deu conta do seu trágico destino.

Cabeça de Peixe ficou apreciando o dedo do traficante adversário.

"Quantas mortes num único dedinho... Agora essa merda não vale nada, não puxa mais gatilho nenhum".

Madalena o encarou. Nos olhos do rival, a sentença de morte.

Cabeça de Peixe soltou o punhal, pegou o sabre e decepou-lhe a cabeça.

Ficou todo banhado em sangue, voltou para a sala, pegou o jornal amassado, olhou a foto de César e disse: "Agora é tu, patife, agora é tu... Mala Véia me dá um pó, me dá um pó..."

Veríssimo, o diretor da clínica, entrou no consultório de César. Parecia preocupado.

"Você está bem, doutor César?"

César fez que sim com a cabeça. Estava fazendo anotações no fichário de um paciente.

"O senhor é a milésima pessoa a me perguntar se estou bem nos últimos dois dias, doutor Veríssimo. Mas pode ficar tranqüilo, não estou à beira de nenhum ataque de nervos. Estava apenas pensando em ficar alguns dias em Angra, e vou fazer isso... Se é que o senhor me permite..."

"Da minha parte não há nenhum problema. E quero dizer que todos estamos preocupados com você..."

César levantou-se. Deu alguns passos em direção à mesa próxima, onde havia cafezinho e torradas. Serviu-se.